

Silvia Ramos da Silva Feitosa

Metade de Mim

poesias

Edição do autor
1ª edição
São Paulo/SP 2020

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

S32m Seny, Sylvia

1.ed. Metade de mim / Feitosa, Silvia Ramos da Silva –

1.ed. – São Paulo: edição do autor, 2020.

60 p.;

ISBN: 978-85-913648-3-1

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: poesia

Bibliotecária responsável: Aline Graziele Benitez

CRB-1/3129

Abraça-me	03
Faz de Conta	05
Ranchinho Feliz	06
Arfar de Cinderela	08
Cante	09
Dias de chuva	10
Noite	11
Com o tempo	13
Mudanças	15
Tema de Susie	16
Homens Maduros	18
O amor que quero	19
Misteriosa dama	20
Milagre	22
Comum acordo	23
Falência Multipla	24
Carinha de sapo	26
Futuro	29
Conflito	30
A s flores	31
Deixe-me a sós com meu Pai	33
Flores de Outubro	35
Bodas	36
Resposta ao cordão de Ellen	38
Amor de alma	40
Amo-te	41
Vida?	42
Pseudo paternal	44
Canção da saudade	45
Lágrimas	47
In memorian	48
Decisão	49
Sem você	51
Sózinha	53
Milagre	54
Eu acredito	55
De tudo a mim	56
Caminhar	58
Quer saber quem eu sou?	5

Abraça-me

Meu corpo informe, contra toda natureza resistia dentro de uma "bolsa" mal nutrida de afeto e gordura, sentia frio....

E eu que nem ciência tinha implorava: Abraça-me!

Para que assim Tua Mão poderosa aquecesse meu espírito.

Então, num sopro de milagre entre a existência e a partida numa incubadora fria, nenhuma palavra dizia, mas com o coração clamava: Abraça-me!

Não fui amamentada ao seio, nem tive boneca de porcelana...

Canela fina e pensamentos desnudos.

Nos braços da adolescência fui o mais complexo adulto, ainda assim clamava á responsabilidade: Abraça-me!

E eu abracei meu filho.

Agora com maturidade o frio arrepia o intelecto, e eu envolvo meus pensamentos, com sonhos, com forte alento.

É a caneta tão macia? Ou tem braços como o urso?

È quente o papel que recebe a minha tinta?

Cantei junto a mulher de trinta...

E ainda vazia baixinho eu confesso: Abraça-me!

Abraça-me meu amigo quando as lágrimas caem e os ideais frustram-se...

Quando eu te procuro á meu lado e vejo somente um corpo desprovido de compaixão e revestido de belos músculos.

E a ultima lágrima grita, sem mais esperar que você me abrace!

A menina e o Poeta

Pés descalços no quintal
Corre livre e sente o vento.
Seus 6 anos não á impedem
De almejar o firmamento!
O poeta que a observa
Queria poder lhe dar
Um coração com asas,
Pra ela poder voar
Inerte em seus devaneios,
Bonecas jogadas ao chão.
Olha com mágoa o escárnio
Do atrevido balão.
Por que ele flutua no céu?
E ela não pode alcançar o ar.
Nem caminhou e já não quer
As batalhas do lidar!
O poeta entenebrecido
Ao perceber o desfalque
Com flecha acerta o balão
E esse já não mais invade!
A menina agradecida
Sorri com meneios no olhar,
Espera que na vindoura penumbra
o céu venha disputar!

FAZ DE CONTA

Onde estão seus braços quando eu procuro,
que me deixam sentir frio a noite e não afagam meus seios?
Onde estão seus lábios que não encontram os meus?
Onde estão as carícias e os sussurros teus?
Onde está aquele sorriso e mansidão no teu falar
Onde está tua admiração que implantava brilho em meu olhar?
Onde está você, amor?
Aonde me perdi neste faz de conta?
Faz de conta que nada mudou...
Faça de conta que o tempo não passou!
Faz de conta que sou sua rainha...
E que a imagem que estimula seu dia, ainda é a minha.

Observei, tinha ao longe depois da curva uma casinha branca de telhas vermelhas,
Árvores com folhas amareladas queimadas pelo inverno, um lago pequeno pintado de azul.
Vi a cerca quebrada e uma fileira de pinheiros. Foi quando entrei nele,
Vi uma sombra indistinta, as cores indefiníveis em tons escuros.
Cheguei mais perto, fui absorvida pela beleza.
O céu amava as montanhas, e o sol tímido de uma tarde fria abraça o verde e o marrom da terra numa possessão grandiosa.

Os



pinheiros
curvavam-

se

solenemente com o sussurro do vento que cantava entre as folhas:
Deixem-nos se amar.

A cerca, a casinha, o pássaro que passou voando... Meros figurantes no cenário, nem se quer percebiam a beleza a sua volta. A mão que contornava a silhueta o fazia com maestria e cuidado, os cabelos que caíam sobre o tórax deitado na relva, acariciavam seu corpo e seu ego...

Agora o momento era de uma calma invejada. A mulher madura levantou os olhos para o céu, duas lágrimas caíram de emoção. O

homem nu arrumou os cabelos curtos e grisalhos que o vento beijava.

Queria continuar minha invasão extasiada e flagrar o casal experiente banharem-se no rio após o amor. Mas, decidi não interferir mais, desisti de tirar o pó do quadro e voltei meus olhos para o barulho da TV.

Arfar de Cinderela

Nunca tive uma vida social tão intensa
Nem o estado emocional na corda-bamba
A sintonia do corpo cansada e doente
Desritmado pandeiro no desfile
da escola de samba
Nunca me deixei rodear tanto de “Cultura”
De personagens, mestres e artistas!
Nem de anônimos humildes e agradáveis
Nem os já empossados de cerviz tão dura!
Nem tinha sentido o brilho da ametista
Pedra preciosa de gentil candura
E se de pudica frase acusam-me à vista
As lágrimas correntes corrompem a armadura
Nunca um sonho teve o antídoto no sangue
Pra tudo que aflige, pros amigos distantes
Pra cura deste grito, à quebra de valores
Pra lida desencontrada em tantos dissabores!
O custo de vida, o nível social...
Sustenta-me a fé que afasta meus deslizes
Segura pelos sonhos afago as cicatrizes
Deixadas pela crise no instante brutal!
Nunca houvera sentido tão forte as pedradas
Do meu sonho escrito, vendido e publicado!
E apesar de tudo... Brilha a alma, o riso
O novo que vai gerando
um SONHO REALIZADO!
A queda do sapato que era de cristal?
A carruagem virou nuvem
O príncipe tornou-se omissos!

Escondo a irreverente maquiagem
Reflito à imagem... Do imprudente Narciso!

Cante

Cante uma canção
que fale de paixão
com **ré** pra perdoar
e dó de não tentar;
Canta uma canção
em versos de amor
com **sol** pra aquecer
quando a noite for.
Cante uma canção
de "mi" pra escalar
os desejos que há em
E só se 'fa" parar
rouco de emoção
de tanto e mais tocar.



mim;